

O DESATINO DA RAPAZIADA
Jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

“...o senhor jamais fará ou dirá – pois
as palavras de um escritor são ações –
alguma coisa covarde ou indigna”
(Freud. “Carta a T. Mann”. *Obras
Psicológicas Completas*. v. XXIV. p. 312)

O título e o subtítulo acima são do livro de Humberto Werneck: 2ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

Jornalistas e escritores mineiros se espalharam pelo Brasil e até pelo mundo. Mas não foram só eles. O mineiro Guimarães Rosa opinou sobre esse êxodo dele próprio e dos naturais do seu Estado: “Sedentários famosos, mas que se derramaram sempre fora de suas divisas estaduais, iniciando, muito antes do avanço atual, o povoamento do Norte do Paraná, e enchendo com suas colônias o Rio, São Paulo, Goiás e até Mato Grosso.” (“Minas Gerais”. *Ave Palavra*. 3. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985. p. 271)

Em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, no final da década de 1970, o jornalista político Carlos Castello Branco fez desabafo também sobre a rejeição belo-horizontina dele e de outros nordestinos na Capital mineira. Recortei o texto e tratei de divulgá-lo ao máximo, ao ponto de ficar sem cópia alguma. Humberto Werneck reaviva a lembrança do episódio. Em mais de oito anos de Belo Horizonte, Castello Branco “fez várias amizades, porém jamais foi convidado a entrar na casa de quem quer que fosse. E, para ilustrar a reclamação, lembrou um longo papo com Otto Lara Resende, seu amigo – Otto na janela de casa, na rua Alagoas, ele na calçada.” (ob. cit., pp. 143/144) Achei estranho que, poucos meses depois da crônica, Otto, eleito para a Academia Brasileira de Letras, onde Castello ainda não entrara, tenha remetido a este o telegrama dizendo: “Agora a janela ficou mais alta”. (ob. cit., p. 144)

Também nós, interioranos do Estado de Minas Gerais, sentíamos alguma rejeição parecida.

Mas isso pesou muito pouco para a minha saída e a de tantos colegas de carreiras jurídicas do Estado de Minas Gerais, para o serviço público federal, mesmo em Minas, ou para cargos de outros Estados e até de Municípios. Todos os Governadores do Estado de Minas insistiam em remunerar mal os Juizes de Direito e os Promotores de Justiça, até a vinculação dos seus vencimentos aos Tribunais Superiores, pela Constituição de 1988. Até então, o êxodo foi semelhante aos dos jornalistas e escritores mineiros, matéria específica do livro de Werneck. Com a diferença da exigência de concurso público de provas e títulos para o ingresso nas carreiras jurídicas em outros Estados, no Distrito Federal, em outros cargos federais e municipais.

A pesquisa de Werneck destaca, no final do livro, os nomes dos poucos escritores e jornalistas que permaneceram em Minas (pp. 203 e ss.). E salienta alguns esforços governamentais para o regresso dos que saíram a Minas: “Milton Campos, quando governador, na segunda metade dos anos 40, quis repatriar uns tantos mineiros ilustres, e para começar nomeou Rodrigo M. F. de Andrade, seu melhor amigo, ministro do Tribunal de Contas do Estado. A Assembléia Legislativa aprovou a escolha do palácio, mas houve tantos votos contra – por motivos que não diziam respeito à pessoa do escolhido, e sim à rivalidade entre a UDN governista e o PSD oposicionista – que Rodrigo, agastado, recusou a nomeação. Milton Campos quis atrair, também, seu companheiro de juventude Carlos Drummond de Andrade, a quem ofereceu a direção da *Folha de Minas*. O poeta chegou a considerar o convite, mas acabou recusando. Foi o que fez, igualmente, o crítico Antonio Candido – cujas raízes são mineiras, de Cássia e Poços de Caldas, embora tenha nascido no Rio de Janeiro e escolhido São Paulo para viver – a quem o governador quis confiar a criação de um Departamento de Cultura. O autor de *Formação da literatura brasileira* não se julgou à altura da empreitada.” (p. 206)

A suposta valorização dos mineiros expatriados chegava ao ponto do empenho em trazer de volta a Minas quem de lá não partira, não nascera nem vivera lá e que só poderia mesmo recusar a honraria. Na verdade, se, para Roberto Drummond, Belo Horizonte exibia atrativos inspiradores da criação literária, “o poeta Emílio Moura, já no final da vida, deplorava não ter saído.” (p. 201)

O livro de Werneck revela uma pesquisa valiosa, contém índice remissivo eficiente e inclui, entre as páginas 128 e 129 fotografias e legendas: “Retratos na Parede – Lembranças de meio século em Minas”: Bar do Ponto (BH, 1907/1937), Cine Pathé, Drummond (1927), *Jornal de Minas* (1920), o irreverente Rosário Fusco e a revista *Verde*, O Viaduto de Santa Teresa e a Rua da Bahia (BH, 1920), Cid Rebelo Horta, Alphonsus de Guimaraens Filho, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Murilo Rubião (BH, 1942), Rubem e Newton Braga (BH, 1932), a igreja de São Francisco (Pampulha, BH), a revista *Edifício* (BH, 1946), Fernando Gabeira (BH, começo dos anos 1950), o jornal *Binômio* (BH, 1952/1964), *Revista de Cinema* (BH, anos 1950), *Suplemento Literário do Minas Gerais* (BH, 1968), Ivan Ângelo e Silviano Santiago (BH, 1961), João Etienne Filho (1982), Duílio Gomes, Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Sant’Anna, Luís Márcio Vianna, Antônio Carlos Braga, Sérgio Tross, Humberto Werneck, Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela, Valdimir Diniz e Fernando Morais (1970).

Werneck se refere a conferências de Tristão de Athayde (BH, anos 40). E traz revelação assustadora: durante congresso nacional de escritores, em 1947, “Graciliano Ramos causou péssima impressão entre alguns de seus jovens admiradores mineiros. Uma noite, Wilson Figueiredo, Sábado Magaldi e Autran Dourado saíram pela cidade com o romancista alagoano – e dele ouviram julgamentos contundentes numa mesa de bar. Poesia era ‘coisa de efeminados’, achava o autor de *Vidas secas*. García Lorca? ‘Um putó’.” (pp. 140/141).

E o desatino? A inevitável tensão entre o antigo e o atual. A falta de abertura para novos tempos, ritmos e conceitos. O parnasianismo, segundo Djalma Andrade, autor da *História alegre de Belo Horizonte*, “terminou com o advento do Modernismo.

Confundiram-se as línguas. Rapazes desatinados invadiram o templo de Apolo e quebraram as estátuas dos deuses imortais...” (p. 44)

Mas parece que esses rapazes vieram para ficar.